

**42º Encontro Anual da Anpocs**

**A antropologia deslocada de Ruy Coelho**

Rodrigo Ramassote

**GT23: Pensamento Social Brasileiro**

**Número: 01457**

## A antropologia deslocada de Ruy Coelho

Rodrigo Ramassote<sup>1</sup>

“Certamente gostaria de poder ouvir, daqui a alguns anos, as lendas sobre minha passagem por Trujillo” (Coelho, 1948 [2000], p. 142).

Não deixa de causar assombro que um jovem brasileiro estudante de antropologia, que cursava sua pós-graduação nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1940, tenha sido o fundador da moderna etnologia sobre os Garífunas (termo pelo qual atualmente se designam os Caraíbas Negros) em Honduras. É também difícil crer que sua tese, escrita em inglês e defendida em 1954<sup>2</sup>, traduzida para o espanhol em 1981<sup>3</sup>, tenha se tornado uma referência obrigatória para a produção intelectual hondurenha contemporânea sobre o tema.

Hoje, passados setenta anos desde que Ruy Galvão de Andrada Coelho (1920-1990) iniciou sua pesquisa de campo com os Caraíbas Negros em Trujillo, capital do Departamento de Colón, muita água correu sob a ponte do Rio Cristales. A partir da década de 1970, os estudos sobre os Caraíbas Negros avolumaram e de esgalharam em diferentes frentes de investigação. Não obstante, sua pioneira monografia segue ainda sendo lida, citada e influente, seja como ponto de partida para uma visão geral das principais instituições sociais e crenças religiosas garífunas, seja como fonte bibliográfica para a pouco documentada história sociocultural desse grupo étnico na primeira metade do século XX.

Não se trata, contudo, de uma mera precedência cronológica. Ousaria dizer mais: sua pesquisa precursora cristalizou certas linhas temáticas e orientações explicativas que repercutem, de muitas formas, nas obras vindouras. Nesse sentido, não seria um despropósito designar Coelho como um “fundador de discursividade”, segundo a

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pelo Departamento de Antropologia Social da Unicamp. Pós-Doutor em Antropologia Social pelo Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). Técnico em Ciências Sociais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). E-mail de contato: [ramassote@hotmail.com](mailto:ramassote@hotmail.com)

<sup>2</sup> “The Black Caribe of Honduras: a study in acculturation”. Ph.D Thesis. Northwestern University, 1954.

<sup>3</sup> Andrade Coelho, Ruy Galvão, *Los negros caribes de Honduras*, Tegucigalpa, Guaymuras, 1981. Por equívoco editorial, o sobrenome de Coelho foi grafado de maneira errônea.

expressão cunhada por Michel Foucault: “fundadores de discursividade”, segundo o filósofo francês, são autores que “têm isso em particular: não são apenas os autores das suas obras, dos seus livros. Produziram alguma coisa mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos [...], estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos [...], tornaram possível um certo número de analogias como também tornaram possível um certo número de diferenças. Eles abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram (Foucault, 2000: pp. 58-60).

Pois até então os Caraíbas Negros haviam comparecido em relatos e registros de viajantes, missionários e literatos, que revelavam, sem dúvida, grande acuidade de observação, mas que, de modo geral, soterravam suas observações sobre uma densa camada de representações distorcidas e preconceituosas<sup>4</sup>. Como exceção, os precursores e excelentes artigos de Eduard Conzemius<sup>5</sup> descreviam com bastante precisão e riqueza de detalhes aspectos da língua, dos antecedentes históricos, das características físicas e das práticas culturais e religiosas mais exuberantes dos Caraíbas Negros (ou Garífunas, como ele pioneiramente grafou), sem, no entanto, enquadrá-las em uma moldura analítica e interpretativa mais ampla. Coelho não apenas revisitou a bibliografia antecedente, como também abriu novas possibilidades, pautas e sugestões que seguem sendo aproveitadas e continuadas.

### **1. Ruy Coelho, o moço**

Ruy Galvão de Andrada Coelho nasceu na cidade de São Paulo, em 21 de dezembro de 1920, no seio de uma familiar paulistana tradicional<sup>6</sup>. Filho do casal Carlos de Andrada Coelho e Adelaide Galvão de Andrada Coelho, iniciou seus estudos no Liceu Rio Branco e os prosseguiu no Colégio Universitário anexo à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP). Em 1938, matriculou-se, por exigência dos pais, no curso de Ciências Jurídicas e Sociais da prestigiosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco, abandonando-o pouco depois; ao mesmo tempo, ingressou nos cursos de Filosofia (1939-1941) e Ciências Sociais e Políticas (1939-1942) da recém-inaugurada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP).

---

<sup>4</sup> Sobre o assunto, ver: Amaya (2007).

<sup>5</sup> Cf. Conzemius, Eduard (1928; 1930).

<sup>6</sup> Suas origens ilustres nos levam a Joaquim Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), considerado o Patriarca da Independência do Brasil (1822), e a Frei Galvão (1739-1822), canonizado como santo pelo Papa Bento XVI em 2007.

Como se sabe, a FFLC-USP foi criada em janeiro de 1934, por iniciativa de setores ilustrados da elite de São Paulo e educadores que integravam o movimento da “Escola Nova”, num período extremamente fértil em iniciativas de cunho educacional e cultural<sup>7</sup>. A instituição tinha inicialmente como objetivo a formação profissional e cultural de novas elites habilitadas a assumir a tarefa de construção política de uma nação moderna<sup>8</sup> e também como pré-requisito recuperar a centralidade política perdida pelo estado de São Paulo após a Revolução de 1930 e Revolução Constitucionalista de 1932<sup>9</sup>. Até então, o ensino das disciplinas que compõem os cursos de Ciências Sociais no Brasil restringia-se a algumas disciplinas introdutórias nos cursos de Direito e Medicina. Para preencher os quadros docentes das disciplinas recém-criadas, foram contratados professores estrangeiros, que chegaram ao país no âmbito da chamada Missão Francesa, acordo de cooperação científica entre os países viabilizado pela preexistência de intercâmbios culturais e institucionais que remontam ao começo do século XX<sup>10</sup>. Em sua maior parte, eram jovens em início de carreira, que permaneceram no país por períodos de variados e que em alguns casos transformaram essa experiência em matéria de pesquisa ou mesmo área de especialização. Dentre eles, destacam-se os nomes de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Fernand Braudel (1902-1985), Roger Bastide (1898-1974), Jean Maügué (1904-1990), Paul-Arbousse Bastide (1899-1995) Pierre Monbeig (1908-1987). Eles foram os responsáveis pela introdução dos modernos métodos e técnicas de investigação em ciências sociais, exercendo uma enorme influência intelectual sobre os alunos e ajudando a romper

---

<sup>7</sup> Cf. Candido, Antonio (1993).

<sup>8</sup> Em 27 de maio de 1933, é fundada a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), instituição particular de ensino superior na área das ciências sociais. Surgia como o primeiro centro organizado de estudos nessa área no país e seu perfil institucional distinguia-se da FFCL-USP pela ênfase na formação de quadros técnicos com competência administrativa e pelo interesse na pesquisa com finalidades práticas, visando orientar o planejamento e a intervenção socioeconômica. Diferentemente da FFCL-USP, a ELSP recrutou professores e pesquisadores norte-americanos treinados na Columbia University e na Chicago University. A chegada do sociólogo norte-americano Donald Pierson (1900-1995), oriundo da Universidade de Chicago, redefine o projeto inicial, conferindo-lhe uma dimensão mais acadêmica. Por sua iniciativa, é criada em 1941 a Divisão de Estudos Pós-Graduados, que oferecia o título de mestre. Para viabilizar as atividades, contou ainda com o apoio de Herbert Baldus (1899-1970), etnólogo alemão que se fixou em definitivo no Brasil no ano de 1933, pesquisador erudito de diversas etnias e grupos indígenas; e Emílio Willems (1905-1997), antropólogo alemão, radicado no Brasil a partir dos anos de 1930, especialista no estudo da aculturação de migrantes alemães que colonizaram a região sul do país. Além disso, Pierson coordena a coleção Biblioteca de Ciências Sociais, que traduz e divulga obras de interesse na área. Por fim, assegura a regularidade de fontes de financiamento internacional (Fundação Ford, Smithsonian Institute), permitindo a realização de projetos de pesquisa mais amplos e o estabelecimento de contatos e intercâmbios institucionais. Sobre o assunto, ver Limongi (2001); Peixoto (2001); Kantor; Maciel; Simões. (2001).

<sup>9</sup> Cf. Miceli (2001); Arruda (1982).

<sup>10</sup> Sobre o assunto, Peixoto, Fernanda Arêas (2001).

com o prestígio da tradição ensaística e as insuficiências do autodidatismo que imperavam até então.

Em conjunto com um grupo talentoso de alunos da FFCL-USP, Ruy Coelho fundou e tornou-se colaborador permanente de *Clima*<sup>11</sup>, periódico cultural dedicado às artes em geral e também a assuntos de natureza política, econômica, científica, etc. Seu artigo de estreia, intitulado “Marcel Proust e a Nossa Época”, publicado no número inaugural da revista, quando o autor tinha vinte e um anos e cursava o último ano da graduação em Filosofia, causou sensação entre os seus pares profissionais, sendo reimpresso, juntamente com o ensaio “Introdução ao método crítico”, em seu primeiro livro, *Proust (1945)*<sup>12</sup>. Nas páginas da revista, que refletia o espírito científico instaurado pela FFCL-USP, Coelho não se tornou responsável por uma seção fixa, mas se notabilizou como livre ensaísta (ou “coringa”, em suas palavras) com sólido cabedal de conhecimentos e certa insolência juvenil, enveredando sobretudo pela crítica de lançamentos literários e cinematográficos. Ao todo, foram 23 escritos distribuídos entre artigos, resenhas, crônicas e notas - conjunto que veio a ser reunido e publicado no volume *Tempo de Clima (2002)*.

Com a formação e o prestígio obtidos em *Clima*, Ruy ingressou na grande imprensa paulista, assinando rodapés de crítica literária em diferentes periódicos (*Estado de S. Paulo*, *Jornal de S. Paulo*, *Folha da Manhã*) e assumindo a coluna de cinema no *Diário de S. Paulo*, entre os meses de novembro 1943 e setembro de 1944<sup>13</sup> (totalizando 323 pequenos

---

<sup>11</sup> Editada, com periodicidade irregular e interrupções, entre maio de 1941 e novembro de 1944, os dezesseis números da revista lançaram na cena intelectual da cidade de São Paulo os nomes de Antonio Candido de Mello e Souza (crítica literária), Gilda Rocha (pouco depois Mello e Souza), Décio de Almeida Prado (crítica de teatro), Lourival Gomes Machado (crítica de arte), Paulo Emilio Salles Gomes (crítica de cinema) etc., os quais se tornarão figuras de proa em suas respectivas áreas de atuação e futuros professores na USP, alguns mais cedo, outros mais tarde. No dizer de Pontes, em estudo definitivo sobre o assunto: “A revista Clima ocupa um lugar preciso na trajetória de seus editores e colaboradores mais próximos. Por meio desse experimento cultural de juventude, com forte conotação de marco inaugural, conseguiram um tríplice feito: fixaram os contornos da plataforma cultural e política da geração e, em particular, do grupo de que faziam parte; lançaram as bases para a construção de uma dicção autoral própria; viabilizaram o início de suas carreiras como críticos profissionais” (Pontes, 1998, p. 112).

<sup>12</sup> Lançado pela Editora Flama Limitada, em julho de 1944. Embora a escolha do escritor francês sinalizasse para um certo perfil cosmopolita e multidisciplinar das preocupações de Ruy, para não mencionar a paixão duradoura por Proust, deve-se lembrar que a literatura francesa estava organicamente vinculada à tradição intelectual brasileira nesse período. A crítica literária Walnice Nogueira Galvão afirma: “Ninguém diria, mas o Brasil já foi fértil solo para estudos proustianos. Lia-se muito Marcel Proust (1871-1922), e seus livros, obrigatoriamente importados, encontravam acolhida. [...] Durante longo tempo, crítico brasileiro que se prezasse frequentava Proust: é só folhear as coletâneas de seus ensaios [...]. (Galvão, Walnice Nogueira, 2002, p. 8).

<sup>13</sup> Cf. Melo e Souza (2017).

artigos). Também lecionou sociologia no Colégio Universitário anexado à FFCL-USP, no biênio 1942-43.

Em 15 de setembro de 1944, embarcou para os Estados Unidos, com bolsas de estudo concedidas pelo Institute of International Education e pela Northwestern University, para ingressar como aluno na pós-graduação da Northwestern University (Evanston, Illinois), sob a orientação de Melville J. Herskovits - com a intenção, segundo ele próprio esclarece, de obter “uma formação profissional séria” e “uma carreira” (Cavalcanti *apud* Pontes, 1998, p. 190). Beneficiado pela expansão do sistema de ensino e pelo incremento de recursos financeiros na academia norte-americana<sup>14</sup>, como também pela clivagem de orientação da política externa estadunidense e pelo crescente interesse científico pela América Latina<sup>15</sup>, Andrada Coelho decidiu aprofundar os estudos no exterior, seguindo um caminho distinto de boa parte de seus colegas de geração, os quais deram continuidade à formação acadêmica no país.

Não se pode saber, com precisão, os motivos que o levaram a se tornar aluno de pós-graduação nos Estados Unidos. Pode-se, contudo, especular, com base em informações de ordem biográfica, afinidades intelectuais e razões institucionais, certos fatores que teriam incidido em decisão. Desde muito jovem, estimulado pelos pais, sobretudo pela mãe que se submeteu pioneiramente à psicanálise, Coelho acalentou de forma precoce um interesse intelectual acentuado pelos domínios da psicologia e pelo estudo da formação da personalidade. Ao ingressar na FFCL-USP, tal disposição foi fortalecida e ampliada a partir das aulas oferecidas pelo filósofo francês Jean Maügué em curso sobre “Teoria das emoções”<sup>16</sup>, para os alunos da turma de Ciências Sociais de 1939 e, mais ainda, pela influência pessoal e intelectual exercida pelo sociólogo francês Roger Bastide<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> Sobre a expansão de departamentos universitários e de programas de antropologia nos EUA, ver: Voegelin (1950).

<sup>15</sup> A mudança dos interesses estratégicos da política externa norte-americana, com a adoção da chamada “Política de Boa Vizinhança” em substituição aos preceitos doutrinários da “Doutrina Monroe”, provocou no contexto nas décadas de 1940 e 1950 uma invasão de pesquisadores norte-americanos por toda a América Latina. Sobre o interesse antropológico dos norte-americanos pela região, ver: Strickon (1964).

<sup>16</sup> Gilda de Mello e Souza lembra que: “É visível nas citações de Ruy [a autora se refere ao ensaio “Proust e Nossa Época] a presença de pensadores que foram objeto dos cursos de filosofia de Jean Maügué de 1939 a 1941: Freud, Max Scheler, Schopenhauer, Nietzsche, Hegel” (Mello e Souza, 2002, p. 10).

<sup>17</sup> Em depoimento, Coelho comenta que: “O Bastide fazia sociologia da Literatura, da Arte, da Personalidade, da Cultura. Fez uma tese sobre Sociologia das Religiões. E cada um dos alunos ia-se endereçando a um desses domínios” (Coelho, 1981-84, p. 130).

Em *Plataforma da Nova Geração* (1945), publicação que recolheu nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo* depoimentos concedidos por representantes da nova geração de intelectuais que despontava no cenário intelectual de São Paulo o jornalista Mário Neme<sup>18</sup>, informa-se que Ruy Coelho, àquela altura, preparava “uma tese para o Departamento de Filosofia” dedicada ao estudo de “O instinto na teoria de Freud” (Neme, 1945, p. 239)<sup>19</sup>. E no conteúdo da entrevista concedida, Coelho asseverava que:

“O problema que tem sido o objeto principal de minhas preocupações, quer no campo da investigação científica, que no de uma filosofia dos valores, é o da personalidade humana” (Idem, p. 241).

O ensaio sobre Proust, acima citado, é revelador desse interesse mais amplo. Em sua análise crítica, Coelho recupera alguns incidentes biográficos e instâncias básicas do processo de socialização atuantes na formação da personalidade do escritor francês como fatores explicativos de certos traços estilísticos e temáticos de sua obra. Longe, portanto, de ser uma empreitada episódica ou marginal, a alentada leitura da produção literária de Proust, uma das paixões literárias de Coelho, se integra a um conjunto mais amplo de preocupações de fundo. Assim, a infância marcada pela “saúde débil e excessiva sensibilidade”, impedindo a fruição plena do “estuar da vida, da turbulência, das peraltices, quedas, gritos, machucaduras”, precipitou o jovem Marcel “a fazer dos sentidos arpões que enganchavam o efêmero das sensações, e do inconsciente esponja que se embebia das impressões” (Coelho, 2000: p. 18). Em diálogo com as ideias de Sigmund Freud e Otto Rank, e não deixando de abordar nem mesmo o tema da homossexualidade, tabu que outros estudiosos evocavam de esquelha, Coelho circunscreve pontos essenciais da biografia de Proust, de modo a compreender sua atitude diante da vida e aspectos de sua obra.

Com efeito, no formulário de inscrição do Institute of International Education, Coelho declarava:

“Pretendo estudar Antropologia Social e os problemas que nessa ciência dizem respeito à personalidade humana (por exemplo,

---

<sup>18</sup> Sobre o conflito geracional instaurado nesse período ver, entre outros: Cavalheiro (1944) e Neme (1945). E ainda: Santiago (2004) e Pontes (1998).

<sup>19</sup> É pouco provável que o estudo tenha avançado para além dessa menção.

como os expostos nas obras de Ralph Linton, Ruth Benedict ou Margaret Mead)” (Northwestern Archives. Student Filles).

Embora sua formação e treinamento acadêmicos tenham sido predominantemente marcadas pela influência francesa, Coelho redirecionou seus interesses para questões ligadas à tradição acadêmica norte-americana, que até então lhe era menos familiar. Sua saída do Brasil, para estudar com dois dos principais expoentes da Escola de Cultura e Personalidade, talvez tenha sido consequência desse conjunto de preocupações e convicções que se cristalizaram em precocemente e pela necessidade íntima de aprofundar cada vez mais a reflexão sobre planos de cognição e padrões culturais; estrutura social e dinâmica psicológica<sup>20</sup>. E, com tal decisão, temos o primeiro efeito de deslocamento, que diz respeito à divergência das escolhas de Coelho em relação ao padrão de trabalho intelectual e ao modelo típico de carreira profissional praticado por seus pares no interior da FFCL-USP. Ao contrário de seus colegas de geração, que deram continuidade à sua formação científica nos cursos de especialização ministrados pelas cadeiras da FFLC-USP ou então ingressaram no programa de pós-graduação em ciências sociais oferecido pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), Coelho investiu em uma formação acadêmica mais afeita aos interesses investigativos, ainda que menos disseminada no Brasil. Com efeito, à exceção de Marcel Mauss, cujos esforços se orientaram para uma aproximação entre os domínios da sociologia e a psicologia<sup>21</sup>, a precedência e a centralidade das estruturas e instituições sociais no núcleo do projeto sociológico durkheimiano, aclimatado no Brasil pela arraigada presença da doutrina positivista e disseminado pelos integrantes da Missão Francesa, impedia uma reflexão mais alentada sobre as correlações entre as condições culturais da existência coletiva e sua expressão no plano individual da personalidade. Diversamente da tradição intelectual francesa, a antropologia cultural norte-americana, neste período, erigiu a sondagem das etapas básicas da socialização e dos processos educativos e suas implicações para os modelos de comportamento, tendências cognitivas e reações emocionais como marcos de referência analítica para o exame de padrões e configuração culturais específicas.

---

<sup>20</sup> Para citar o título de sua tese apresentada em 1964 para o concurso da Cadeira de Sociologia II da FFCL-USP, *Estrutura social e dinâmica psicológica* (1967).

<sup>21</sup> Entre outros, conferir, em especial, o escrito “Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia”. Cf. Mauss (2002).



Mas ainda resta a pergunta: por que Herskovits? E por que não a University of Columbia, em Nova Iorque, onde pontificavam os antropólogos mencionados por Coelho? Creio que nunca teremos uma resposta definitiva. Sabe-se, no entanto, que as décadas de 1940 e 1950 assistiram no Brasil uma intensa circulação e intercâmbio paradigmas e práticas científicas, profissionais e pesquisadores, agências e projetos governamentais que articularam redes acadêmicas transatlânticas envolvendo centros de estudo estrangeiros, notadamente os EUA e a França<sup>22</sup>. Nesse período, o trânsito e a presença de pesquisadores estrangeiros no país e sua contrapartida, o contrafluxo de alunos brasileiros para o exterior (ainda que em menor número), foi fundamental para a definição e/ou divulgação de modelos teórico-metodológicos, programas e projetos de pesquisa, recortes temáticos e objetos de investigação, bem como repercutiu na definição de fronteiras disciplinares e no processo de profissionalização das ciências sociais brasileira. Além dos nomes já citados, que vieram para a FFCL-USP com a Missão Francesa e os professores contratados pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP)<sup>23</sup>, outros tantos se integram à vida acadêmica e intelectual do país partir de modalidades distintas de inserção (contatos pessoais e afinidades temáticas, acordos de cooperação técnica entre instituições, atividades de pesquisa individual e projetos de investigação coletivos, etc)<sup>24</sup>. São os casos, por exemplo, de Charles Wagley, Marvin Harris, Franklin Frazer, Ruth Landes, Alfred Métraux, David Maybury-Lewis, Harry Hutchinson, entre outros<sup>25</sup>.

Ao contrário da França, porém, que até então não dispunha de amplo arcabouço institucional e de recursos financeiros para financiamento de pesquisas, os EUA ofereciam condições acadêmicas bastante favoráveis – expansão acelerada do sistema de ensino e o apoio de várias fontes de financiamento à pesquisa. Além disso, Melville J. Herskovits passou o ano de 1941 no Brasil, residindo em Salvador, capital da Bahia: nos seis primeiros meses, pesquisou em casas de candomblé e acompanhou manifestações locais de cultura popular; nos seis últimos meses, perambulou pelo Brasil, realizando conferências, escrevendo em periódicos e fazendo pesquisas de curta duração nas principais capitais do país<sup>26</sup>. Em 16 de Outubro de 1941, ele palestrou na Escola de Comércio Álvares Penteado,

---

<sup>22</sup> Sobre o assunto: Peixoto (2001); Corrêa (2013); Pontes (1990).

<sup>23</sup> Durante 1943 a 1946, o célebre antropólogo inglês A. R. Radcliffe-Brown lecionou na Divisão de Estudos Pós-graduados da ELSP.

<sup>24</sup> Cf. Pontes (1990).

<sup>25</sup> Cf. Corrêa, Mariza (2013).

<sup>26</sup> Cf. Herskovits (1966).

então sede da Escola Livre de Sociologia e Política<sup>27</sup>. Não é possível saber se Coelho assistiu a palestra de Herskovits. De qualquer modo, a imprensa local noticiava com alguma frequência a presença do ilustre antropólogo norte-americano no Brasil. Por fim, ele já havia recrutado um aluno brasileiro, Octávio da Costa Eduardo, para realizar sua pós-graduação na Northwestern University, entre fins de 1941 e fins de 1945<sup>28</sup>. Não é ilícito supor que a experiência bem-sucedida por Costa Eduardo tenha pavimentado o caminho e aberto as portas da Northwestern University para os dois outros alunos brasileiros de Herskovits: Ruy Coelho e Renê Ribeiro (1914-1990).

Fundado em 1938, o Departamento de Antropologia da Northwestern University contava em seu quadro docente, à época, com apenas quatro professores permanentes: Melville J. Herskovits, Francis Hsu (1920-1973) – aluno de Bronislaw Malinowski na London School of Economics (LSE) –, William Bascom (1912-1981), Richard Waterman (1914-1971) – ambos orientandos de Herskovits – e a colaboração de A. Irving Hallowell (1892-1974) – que permaneceu apenas três anos no Departamento de Antropologia da Northwestern, antes de regressar à University of Pennsylvania, onde se aposentou, nos anos 1960. Durante os anos de 1945/46 e 1948/49<sup>29</sup>, Coelho frequentou uma grande quantidade de cursos afeitos à amplitude e à diversidade de seus interesses intelectuais, como também participou de vários seminários<sup>30</sup>.

Em 1946, Coelho inscreveu-se no curso intensivo de verão do Rorschach Institute of New York, dirigido por Bruno Klopfer, e participou, entre junho e agosto, juntamente com outros alunos<sup>31</sup>, de uma pesquisa de campo coordenada pelo antropólogo Alfred

---

<sup>27</sup> A palestra, intitulada “O Negro do Novo Mundo”, foi publicada em: *União Cultural Brasil-Estados Unidos. Vida Intelectual nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Universitária, 1943.

<sup>28</sup> Sobre o assunto, ver Ramassote (2017).

<sup>29</sup> Em seu memorial acadêmico, redigido em 1964, ele registra: “Culturas Negras do Novo Mundo”, “Etnografia da África”, “Teorias da Cultura”, ministrados por Melville J. Herskovits; “Etnografia da Oceania”, “Economia Primitiva”, por William Bascom; “Organização Social Primitiva”, “Religião Primitiva”, “Etnografia da América”, “Personalidade e Cultura”, por Alfred Irving Hallowell; “Musicologia e Folclore”, por Richard A. Waterman; “Opinião Pública e Propaganda”, por Kimball Young; “Teorias da Personalidade”, por Helen S. Sargent; “Introdução às Artes Plásticas”, por Clara MacGewan; “Estética da Pintura”, Thomas S. Foulds”. Cf. Coelho (1964).

<sup>30</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>31</sup> A equipe era formada por sete estudantes de pós-graduação: Erika Eichhorn, Blanche Watrous, Melford E. Spiro e Ruy Coelho, do Departamento de Antropologia da Northwestern University; Beatrice Mosner, do Departamento de Psicologia da Northwestern University; William A. Caudill, do Departamento de Antropologia da University of Chicago; e Susan Caudill. Cf. *News and Notes* (1946). E ainda: “Preliminary report on field investigation of the psychological effects of acculturation upon a group of Ojibwa Indians [Summer 1946], redigido por A. Irving Hallowell e depositado nos acervos da American Philosophical Society, sediada na Philadelphia. Cf. *Science* (1946).

Irving Hallowell<sup>32</sup> entre os Ojibwa, na região da reserva indígena de Lac Du Flambeau, ao norte do estado de Wisconsin. O objetivo da investigação era avaliar o impacto que o intenso processo de aculturação havia provocado nas principais instituições e na estrutura e na dinâmica da personalidade dos membros desse grupo, composto de cerca de 700 indivíduos; em seguida, comparar os resultados da pesquisa com dados obtidos previamente por Hallowell junto a grupos indígenas da mesma “origem linguística e cultural” da região de Berens Rivers, pouco afetados pelas mudanças provocadas pelo contato com a civilização abrangente. Para tanto, a equipe se valeu não apenas das técnicas e métodos tradicionais de uma pesquisa de campo, mas também - e sobretudo - da aplicação de técnicas projetivas (testes de Rorschach, de Thematic Apperception Tests [TAT]) e desenhos livres para levantar informações sobre a repercussão no plano individual das profundas mudanças pelas quais o grupo passava. Na divisão de tarefas, coube a Ruy interpretar os desenhos das crianças, resultando num curto e melancólico relatório final, no qual o jovem antropólogo, em sua primeira experiência de campo, lamentava as suas dificuldades de adaptação à dinâmica de pesquisa e constatava os diferentes padrões de comportamento manifesto pelos adolescentes diante dos distintos estágios do processo de ajustamento sociocultural.

## **2. Dias em Trujillo**

Entre os meses de setembro de 1947 e julho de 1948, sob a orientação de Melville J. Herskovits e apoio financeiro da Carnegie Corporation de New York, Coelho conduziu pesquisa de campo entre os Caraíbas Negros localizados em Trujillo, a qual resultou em sua tese de doutorado, intitulada, originalmente, “The Black Caribes of Honduras: A Study in Acculturation” (1955).

Originários da Ilha de San Vicente, uma das pequenas Antilhas, os Caraíbas Negros, ou Garífunas, chegaram às Islas de la Bahía, situadas na costa norte de Honduras, em abril de 1797, após serem deportados por tropas marítimas do governo inglês. Como grupo étnico distinto e autônomo, seus membros descendem de agenciamentos raciais e culturais entre negros africanos que escaparam, na segunda metade do século XVII, do naufrágio de navios negreiros nas águas turbulentas da região costeira de San Vicente,

---

<sup>32</sup> Cf. Hallowell (1976).

escravos que debandaram das plantações de ilhas circunvizinhas, e etnias indígenas autóctones que descendiam de grupos indígenas Caribes-arauaque. De acordo com a bibliografia atualmente disponível<sup>33</sup> - e em linhas muito gerais -, em dois séculos de contato, nos quais resistiram às sucessivas investidas de espanhóis, franceses e ingleses, os Caríbas Negros adotaram, em larga medida, as práticas e tradições das populações nativas, assim como o idioma, se integrando aos padrões societários previamente assentados e constituindo uma cultura afro-indígena. Em fins do século XVIII, com a decisão da Coroa Britânica de conquistar a ilha, a maior parte do contingente do grupo foi capturada e transportada à força para a Isla de Roatán, a maior das Islas de la Bahía. Poucos anos depois, chegaram ao continente e se fixaram inicialmente na região de Trujillo, desde onde se espalharam, em pouco menos de cinquenta anos, para toda a região costeira de Honduras, o Belize, a Guatemala e a Nicarágua.

Para que se possa compreender o interesse de Coelho sobre a presença garífuna em Honduras, assim como sua perspectiva teórico-conceitual de análise, é preciso recordar, em grandes linhas, a influência do projeto intelectual de Melville J. Herskovits (1895-1963)<sup>34</sup>. Nascido em Bellefontaine, Ohio, no interior de uma família judia de imigrantes europeus, Herskovits em sua juventude decidiu tornar-se um rabino e chegou a frequentar o Hebrew Union College em Cincinnati, mas a ausência de fé religiosa o impediu de avançar os estudos. Durante a Primeira Guerra Mundial, se alistou no corpo médico do exército norte-americano e serviu na França. Ao regressar aos EUA, ingressou na Chicago University, onde se licenciou em História. Pouco depois, se mudou para Nova Iorque, onde defendeu um mestrado na área de Ciência Política (com dissertação sobre greves de trabalhadores no estado de Washington) na Columbia University. Nessa instituição, estabeleceu contato com o antropólogo de origem alemã Franz Boas e seu círculo de alunos: Ruth Benedict, Ralph Linton, Alfred Irving Hallowell e Margaret Mead. Sob a orientação de Boas, Herskovits se converteu à antropologia e defendeu sua tese de doutorado “The Cattle Complex in West Africa”, em 1923.

Na segunda metade da década de 1920, iniciou um programa de estudos sobre os problemas da aculturação e a preservação de instituições e práticas culturais africanas no

---

<sup>33</sup> Nas últimas décadas, as investigações e escritos sobre o grupo se ampliaram. Embora tenha reunido ao longo de minha pesquisa a quase totalidade do material, cito, aqui, apenas o essencial: González (2008); Davidson (2009); Herranz (2001); Cruz Sandoval (2002); Centeno Garcia (1996); Suazo (1997); Rivas (2000).

<sup>34</sup> Sobre a trajetória de Herskovits, ver, entre outros: Yelvington (2006); Jackson (1986).

Novo Mundo. Para tanto, defendia a combinação de métodos históricos e etnográficos com vistas a rastrear as origens étnicas, a procedência geográfica e a especificidade cultural destas “sobrevivências”, denominadas por ele de “africanismos”. Em particular, seus interesses se dirigiam para a dimensão religiosa, familiar, econômica, linguística e artística dos fenômenos da mudança e retenção cultural, baseado em um arsenal de conceitos que ele forjou ou burilou: “aculturação”, “foco cultural”, “tenacidade cultural”, “reinterpretação”, entre outros. Em poucos anos, consolidou sua reputação como o maior estudioso das populações africanas e afroamericanas na academia estadunidense, construindo uma rede intelectual de escala internacional dedicada ao estudo das sobrevivências africanas nas principais nações do continente americano: entre seus colegas e colaboradores figuram Arthur Ramos (1903-1949), o cubano Fernando Ortiz (1881-1969), o haitiano Jean Prince-Mars (1876-1969). Entre 1928 e 1941, em companhia de sua esposa, Francis Herskovits, ele levou a cabo pesquisas de campo no Suriname (1928), na Costa do Ouro [hoje Ghana], Dahomé [hoje Benin] e Nigéria (1931), no Haiti (1934), em Trinidad [hoje Trinidad e Tobago] (1939) e no Brasil (1941).

Durante a década de 1940, já estabelecido como a principal figura e chefe do Departamento de Antropologia da Northwestern University, Herskovits criou o “Programa de Estudos Africanos”, primeira iniciativa deste tipo nos Estados Unidos, e iniciou um conjunto articulado de pesquisas com pós-graduandos com o propósito de mapear a distribuição e a intensidade dos “africanismos” em todo o “Novo Mundo”.

É bastante provável que a sugestão de estudar os Caribes Negros tenha partido de Herskovits, ainda que não tenha sido possível encontrar informações mais precisas a respeito. Desde o início dos anos quarenta, o antropólogo norte-americano desejava deslanchar um estudo mais detalhado sobre o grupo, o qual, segundo a escassa bibliografia disponível, constituía um exemplo fascinante para o estudo da aculturação e retenção cultural entre afrodescendentes na América. Em *The Mith of the Negro Past*, sua obra mais famosa, publicada em 1941, ele comentava:

“conhecidos como Caribes Negros, esta população ainda não estudada constitui um dos pontos estratégicos para a futura abordagem sobre a aculturação do negro no Novo Mundo, uma vez que eles representam um amálgama indígena e africano que deveria estabelecer um controle

adicional no laboratório histórico onde este problema está por ser estudado” (Herskovits, 1958 [1941], p. 93)<sup>35</sup>.

E, em nota de rodapé, acrescenta:

“Os únicos dados publicados sobre os caribes negros se encontram em um artigo de Eduard Conzemius, ‘Etnographical Notes on The Black Carib (Garif)’, na *American Anthropology*, 1928” (Idem, p. 390).

Com efeito, Herskovits tentou enviar um de seus estudantes, o afroamericano Hugh Smythe, a Honduras, mas seus esforços se viram frustrados pelo governo hondurenho, que não autorizou sua entrada e negou-se a fornecer-lhe um visto devido à vigência da Ley de Inmigración, Decreto 101 de 2 de abril de 1929, que colocava uma série de restrições ao ingresso de “raças” consideradas “indesejáveis”: árabes, turcos, sírios, armênios, palestinos, libaneses, chineses e negros.

Durante os dez meses de pesquisa de campo em Trujillo, Coelho observou diretamente o modo de vida dos Caraíbas Negros e visitou povoados circundantes, como a Ilha de Roatán, Santa Fé, Santo Antonio e Guadalupe. Ao longo desse período, o jovem antropólogo despachou regularmente cartas e informes para Herskovits, que exigia que seus alunos lhe enviassem informações sobre os dados etnográficos levantados ao longo da pesquisa<sup>36</sup>.

Pouco depois de sua chegada, Coelho alugou uma casa de propriedade de Thomas Glynn, patriarca de uma das famílias mais conhecidas e abastadas de Trujillo, que ele havia conhecido por casualidade em La Ceiba<sup>37</sup>. Após o primeiro mês, contratou com ajudante

---

<sup>35</sup> No artigo “The Present Status and Needs of Afroamerican Research”, Herskovits comenta sobre a pesquisa de Coelho. Cf. Herskovits (1966).

<sup>36</sup> Tal material veio a público com a publicação de *Dias em Trujillo* (2000). As notas reunidas apresentam ao leitor não apenas descrições e as primeiras sínteses da pesquisa de campo conduzida na localidade, mas também referências à vida cotidiana da cidade e do conturbado período político dos anos de 1947 e 1948. Tratei com maiores detalhes a questão em: Ramassote (2018).

<sup>37</sup> Sobre a consolidação econômica e social da elite de Trujillo, cf.: Payne Igleias, Elizet. “Inmigración y capital: familias y empresas en el Puerto de Trujillo, Honduras (1890-1930)”. In: Elías Caro, Jorge Henrique; Vidal Ortega, Antonino (Editores). *Ciudades Portuarias en la Grand Cuenca del Caribe: visión histórica*. Barranquilla, Colombia: Ediciones Uninorte, 2010.

nas tarefas domésticas María Silveria Lacayo Sanchez (1924-2014)<sup>38</sup>, que trabalha na casa dos Glynn; e como colaborador e interlocutor Sebastian Tifre (1920- ). A partir de então, Coelho estabeleceu uma rotina de trabalho, que será seguida, em suas linhas gerais, nos meses subsequentes: pela manhã, se reunia em casa com Sebastian para conversar sobre aspectos gerais do modo de vida caraíba, com especial ênfase na dimensão cosmológica; à tarde, circulava por Cristales e Rio Negro, para conversar com outros moradores, confrontar informações e ampliar seu círculo de interlocutores, como também participar das atividades cotidianas da localidade. Essa rotina foi interrompida pela participação em eventos sociais, a acolhida do antropólogo e linguista Douglas Taylor, em visita de duas semanas a Trujillo, e eventuais deslocamentos até Tegucigalpa, para resolver pendências burocráticas com seu visto e levantar documentação oficial em arquivos públicos.

Como era de se esperar, o conteúdo da tese evidenciou a formação acadêmica, o treinamento profissional, os interesses pessoais e as influências intelectuais de seu autor. Na introdução, Coelho define o quadro de referências de sua perspectiva de análise e os objetivos gerais do estudo – a integração lograda pelos caraíbas negros em sua organização socioeconômica e em seu sistema de crenças –, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, que envolve três níveis complementares de análise: o nível funcional, o etnohistórico e o psicológico. O objetivo mais amplo do estudo era averiguar o processo de integração da cultura caraíba, por meio do qual eles foram capazes de alcançar uma “homeostase cultural e social” que os permitiu sobreviver ao impacto das circunstâncias históricas e dos acontecimentos diversos a que foram submetidos.

Na trilha aberta por Herskovits, e lançando mão de parte de seus principais instrumentos conceituais – “aculturação”, “foco cultural”, “reinterpretação”, “sincretismo”, etc. – a tese descreve com precisão e minúcia etnográfica os principais aspectos da organização social (a autoridade política da aldeia, a importância das classes de idade, as modalidades de trabalho cooperativo, as obrigações matrimoniais, a estrutura básica da família), o papel econômico da família (a divisão sexual do trabalho, os padrões

---

<sup>38</sup> Em estada em Trujillo, em julho de 2016, encontrei-me com duas das filhas de María. Segundo uma delas, a mãe casou com Anastacio Severino Sanchez, que morreu jovem, em 1957. Além de trabalhar a vida toda para a família dos Glynn, María vendia pães para ampliar a renda familiar. De seu matrimônio nasceram quatro filhos: Pedro Reinaldo Sánchez Lacayo; os gêmeos María Helena y Rene Eleuterio Sánchez Lacayo e a caçula Pabla Modesta Sánchez Lacayo.

de produção e consumo alimentar, os gastos com a alimentação) e o universo cosmológico (o conceito de alma, os principais ritos, cultos e cerimônias) dos Caribes Negros.

Para além das estratégias metodológicas e técnicas tradicionais de pesquisa de campo, Coelho fez uso da aplicação de testes projetivos Rorschach e desenhos livres para examinar os impactos das mudanças resultantes da situação aculturativa no plano da “estrutura de personalidade básica” dos caraíbas, bem como aferir sua capacidade de reação e adaptação às mudanças provocados pelo intenso processo de aculturação<sup>39</sup>.

Nas conclusões, discute as origens étnicas e geográficas dos componentes da cultura caraíba negra e “a maneira pela qual foram afetados pela mudança [...]” (2002b, p.169), a partir de continuidades e contrastes com grupos étnicos indígenas e africanos no Novo Mundo - em diálogo aberto com a obra de Herskovits e a bibliografia produzida por seus alunos, orientandos e parceiros de trabalho. Não obstante constatar a notável unidade alcançada pela cultura caraíba, é nítido o esforço de Coelho em ressaltar a centralidade da herança africana - mesmo quando a constatação de tal fato não seja completamente pacífica.

Assim é que no âmbito da dieta alimentar a adoção de alimentos indígenas não impedia a influência do “paladar africano”; o mesmo vale para o sistema de parentesco e casamento, no qual sobressai “o espírito legal das culturas da África Ocidental”, sem que haja, “por exemplo”, as “complexidades contratuais do Dahomé”; ainda, nos padrões básicos da divisão sexual do trabalho, “que provêm dos índios caribes”, “deve-se também considerar, em alguma medida, sua “derivação africana”; no plano religioso, apesar do inconsútil entrelaçamento da “urdidura africana e a trama indígena”, os “princípios teleológicos da religião dos negros caribes indubitavelmente evoluíram sob influências africanas” (p. 170-175).

Depois de sucessivos atrasos, a tese “The Black Carib of Honduras: a study in acculturation” foi finalmente defendida nas dependências do Hotel Esplanada, em São

---

<sup>39</sup> Coelho informa: “Cinquenta e um protocolos dos testes Rorschach, aplicados a adultos e crianças, foram por isso obtidos; desenhos livres feitos por vinte e sete crianças foram colhidos; sonhos, histórias de vida, observações de crianças brincando e em diferentes situações sociais completaram os dados psicológicos” (Coelho, 2002b, p. 18). Sobre a utilização de técnicas projetivas em pesquisas antropológicas, ver: HENRY, Jules; SPIRO, Melford E. “Psychological Techniques: Projective Tests in Fieldwork”. In: KROEBER, A. L. (Org.) *Anthropology Today: an Encyclopedic Inventory*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1953, p. 417-429; HALLOWELL, A. Irving. “The Roschach Technique in the Study of Personality and Culture” In: *American Anthropologist*. New Series, Vol. 47, Nº 2, (Apr. - Jun., 1945), pp. 195-210.



Paulo, na quarta-feira de 25 de agosto de 1954, dia seguinte ao suicídio do presidente Getúlio Vargas, em razão do fechamento da FFCL-USP em luto oficial<sup>40</sup>. A banca examinadora se reuniu no saguão do hotel para arguir a tese, conferindo-lhe a nota máxima – seus membros componentes foram Melville J. Herskovits, Professor do Departamento de Ciências Sociais da Northwestern University (EUA) e orientador, Yale Brozen, Professor do Departamento de Economia da Northwestern University (EUA), William Fanton, professor da Education University of the State of New York (EUA), o antropólogo Charles Wagley, professor da University of Columbia (EUA), e o sociólogo Fernando Azevedo, Professor Titular da Cadeira de Sociologia II da FFCL-USP, A presença de estrangeiros na capital paulista deu-se em razão da realização do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, sob a presidência do francês Paul Rivet e secretariado por Herbert Baldus, para discutir assuntos relacionados com as principais áreas de pesquisa e reflexão da disciplina antropológica nesse momento.

### **3. Uma difícil reinserção**

Em agosto de 1948, finalizada a pesquisa de campo, Coelho regressou aos Estados Unidos, na condição de “Teaching Fellow” e dispondo de uma bolsa de pesquisa concedida pela Social Sciences Research Council, com o compromisso de escrever e defender a tese no prazo de um ano. Ao contrário do planejamento inicial, a redação do estudo não avançou com a rapidez esperada, e sua escrita se arrastou por quase seis anos. Por meio dos contatos e influência de Herskovits, Coelho conseguiu se empregar como catedrático auxiliar no Departamento e Estudos Gerais da Universidade de Puerto Rico, para onde se trasladou em junho de 1949. Após onze meses lecionando no curso básico de Ciências Sociais, período marcado, pelo que se pode saber, por dissabores e dificuldades de adaptação, Coelho partiu para Paris, após recomendação de Herskovits a Alfred Métraux, para assumir o cargo de pesquisador assistente no Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, na data de 7 de junho de 1950. Na agência internacional, ele foi responsável, entre outras coisas, pela redação do prospecto original que deflagrou o

---

<sup>40</sup> Inicialmente a defesa da tese ocorreria, como de costume, no Salão Nobre da FFCL-USP.

ciclo de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, que se convencionou denominar Projeto Unesco<sup>41</sup>.

A despeito das excelentes condições de trabalho encontradas em Paris, Coelho decidiu desligar-se da Unesco em 1952, para regressar em definitivo ao Brasil, após sete anos de ausência. O grande volume de tarefas e incumbências burocráticas dentro da agência – os quais implicavam reuniões periódicas, redação de cartas, minutas, memorandos e respostas a diversas solicitações – impediam qualquer tipo de iniciativa acadêmica, situação que provavelmente desagradou-lhe e influenciou em sua decisão de voltar ao país natal. Em 09 de agosto de 1952, Coelho aterrissou em São Paulo, a fim de se reintegrar à vida acadêmica local. Por indicação de Antonio Candido, e após uma sabatina com membros do corpo docente da FFCL-USP, Coelho foi nomeado em 22 de dezembro professor-assistente da Cátedra de Sociologia II, dirigida por Fernando de Azevedo. No exercício de suas funções, participou ativamente das atividades do Departamento de Sociologia e Antropologia, ministrando cursos de “Noções de Sociologia”, “Introdução à Sociologia”, “Morfologia Social”, “Personalidade e Cultura”, entre outros.

Nos anos seguintes, Coelho não deu continuidade às suas investigações sobre os Caribes Negros e, em consequência, ao seu interesse pela América Central. Ainda assim, publicou mais dois artigos resultantes do material reunido em campo (“As festas dos Caraíbas Negros”, em 1952 e “Personalidade e papéis sociais do xamã entre os Caraíbas Negros, em 1961) e traduziu para o português a tese, publicada na Revista do Museu Paulista em 1964.

A ausência de interlocutores locais, a inflexão no paradigma de estudos raciais, as críticas de antropólogos brasileiros aos pressupostos da teoria da aculturação – para não mencionar os afazeres acadêmicos e a falta de recursos financeiros – se tornaram obstáculos para erigir a América Central em uma área privilegiada de estudos. Não se pense, porém, que as dificuldades de adaptação ao ambiente acadêmico brasileiro impediram que Coelho continuasse ensinando, publicando artigos e incentivando alunos e discípulos a encontrar seu caminho e avançar na investigação de fenômenos socioculturais. Em seu currículo, constam mais de quarenta orientações de mestrado e doutorado, numerosas participações em bancas examinadoras, associações científicas e congressos,

---

<sup>41</sup> Sobre a Unesco, ver: Maio (1999; 2004). E ainda: Pereira; Sansone (2007).

seminários, etc. em uma trajetória acadêmica exitosa, que alcançou as mais altas posições dentro da hierarquia acadêmica e estrutura administrativa da FFLCH-USP.

Mas se no Brasil o seu interesse pelos Caraíbas Negros arrefeceu, e suas reflexões tomaram outra direção, cada vez mais preocupadas com questões teórico-conceituais, em Honduras a tese de Coelho veio a encontrar seus leitores, e se afirmou, nas últimas três décadas, como uma referência bibliográfica incontornável no debate – sobretudo entre lideranças e intelectuais garífunas. É virtualmente impossível encontrar na literatura recente sobre o tema algum escrito que não lhe faça menção. A que isso se deve? E por que o interesse pela tradução do estudo no começo dos anos 80?

Acima mencionei, de passagem, que Coelho insistiu na defesa do primado da manutenção da herança cultural africana entre os Caribes Negros, a despeito de evidências apreciáveis em contrário. Com efeito, ele flagrou entre os moradores de Trujillo, na segunda metade da década de 1940, a coexistência de registros identitários oscilando entre a ênfase no espólio cultural africano e o destaque ao legado Caribes-Arauaque. Em suas notas de campo, ele anota: “Houve uma discussão violenta sobre a eterna questão: a origem dos caraíbas. Como de costume, havia duas facções: os africanistas e os anti-africanistas” (p. 61). E, logo adiante, registra:

“O pior insulto para um caraíba é ser chamado de escravo. Desde o início me dei conta da importância desse fato. Todos os velhos com os quais falei, Abram Lopez, Antonio Martinez, Daniel Alvarez e outros, repetiram a mesma coisa: os caraíbas negros não eram africanos e nunca foram escravos (em suas mentes as duas coisas estão ligadas). Uma das frases que ouvi por diversas vezes quando se discutia o culto gubida era: ‘É o culto de nossa raça’. Estava implícito que eles, como povo independente e livre, tinham sua própria língua, sua própria religião e não se submetiam a ocasionais soberanos ao adotar seus costumes. [...] Eles não querem ser africanos – isto é, escravos, como os outros negros -, franceses, ingleses e crioulos. Ouvi muitas pessoas dizendo: ‘Minha avó tinha cabelos longos e lisos e era tão branca quanto você’. Mas a outra alternativa é ser índio e isso eles também não querem” (Coelho, 2000, p. 95).

Será somente nas décadas de seguintes que o termo garífuna se generaliza e tem lugar uma progressiva valorização, afirmação e reivindicação de uma identidade étnica afrodescendente que se integrará, mais adiante, a uma rede de alianças e apoios

entretidas com organizações internacionais. Designado de etnogênese da negritude garífuna<sup>42</sup>, tal movimento muito se beneficiou da intensa emigração de garífunas para os Estados Unidos, sobretudo após o término da Segunda Guerra Mundial, e do contato com as pautas políticas dos movimentos de direitos civis de negros norte-americanos. Como indica Dario Euraque (2004a), em meio a ditadura militar que assumiram o poder em Honduras ao longo da década de 1970 – inicialmente sob o comando do general Osvaldo Lopez Arellano (1972-1975), sucedido pelo governo do General Juan Alberto Melgar Castro (1975-1978) e, finalmente, pela Junta Militar (1978-1980) -, foi conduzida uma política cultural que redefiniu os termos etno-racial que alicerçavam a identidade nacional hondurenha desde, pelo menos, o primeiro quartel do século XX. Se até então prevalecia, nos meios oficiais e entre a intelectualidade local, uma construção ideológica que referendava uma identidade nacional baseada na hegemonia da mestiçagem indo-hispânica, neutralizando a heterogeneidade étnico-racial do país, a partir desse período a situação adquiriu contornos distintos. Com a criação do Instituto Hondureño de Turismo e a realização de uma série de projetos pela Secretaria de Cultura de Honduras, houve um intenso debate no país sobre cultura popular, desenvolvimento e identidade nacional. Nessa conjuntura favorável, intelectuais e lideranças garífunas promoveram uma releitura de suas origens, na qual enalteciam os “laços ancestrais” com a “África”. Em artigos publicados na grande imprensa<sup>43</sup> e na realização de festivais de danças e música, tal dimensão foi reiteradamente enfatizada. Ao mesmo tempo, membros do grupo radicados em Tegucigalpa e já envolvidos com militância política fundam, em 1978, a primeira associação civil garífuna, a Organización Fraternal Negra Hondureña (OFRANEH), órgão representativo em defesa dos direitos culturais e territoriais.

É justamente neste período que a recém-inaugurada Editorial Guaymuras toma a decisão de traduzir a tese de Coelho, a partir da versão original, depositada na biblioteca da Northwestern University. A sua recepção em Honduras não poderia ser mais favorável: para além do caráter pioneiro e da qualidade e precisão da descrição etnográfica, a monografia adquiria uma dimensão política imprevista. A ênfase posta na preservação dos africanismos, as menções à opressão sofrida pelos garífunas durante o regime ditatorial de Tibúrcio Carías Andino (1933-1948), a transcrição de um manifesto anônimo de oposição

---

<sup>42</sup> Cf. Euraque (2004).

<sup>43</sup> Em particular, escritos e as pesquisas realizadas por Crisanto Melendez, diretor do Ballet Nacional Garífuna.

redigido por habitantes de Trujillo, as menções terrível Massacre de San Juan (1937), evento em que moradores da área foram fuzilados por tropas militares a sangue frio, forneciam material e conteúdo para a reavaliação das origens étnicas em curso. E, assim, se produzia mais um deslocamento, agora de natureza temporal: a receptividade fora de época, uma espécie de mensagem embutida em uma garrafa que chegou ao seu destino quase trinta anos depois.

Para concluir, reitero que a leitura da trajetória formativa, profissional e intelectual de Ruy Coelho a partir do ponto de vista de sua circulação transnacional permite um novo acesso ao processo de constituição das ciências sociais no Brasil, ao indicar a multiplicidade de possibilidades, orientações, débitos, influências intelectuais e projetos e alianças institucionais que a enredaram. O percurso trilhado por Coelho desafia certos lugares-comuns reiterados e desalinha a narrativa prevalecente sobre a implantação das ciências sociais em São Paulo, assim como fornece uma via de acesso e reflexão que se desdobra sobre várias frentes. Para além de colocar em questão aspectos ligados à chamada “geopolítica do conhecimento”, fornece subsídios para se refletir sobre certos princípios e recortes explicativos, bem como categorias de entendimento que estão, senão naturalizados, profundamente enraizados na apreensão do que chamamos de uma “antropologia brasileira”: quem são seus integrantes e como se definem os limites dessa comunidade profissional? Apenas os pesquisadores brasileiros, aqueles pertencentes à “comunidade nacional de antropólogos”? Como lidar com a contribuição e o legado de pesquisadores estrangeiros que pesquisaram e viveram, mais ou menos tempo, em território brasileiro? Como identificar linhas temáticas e objetos analíticos privilegiados em âmbito local sem levar em conta a sua vinculação ao ou o aproveitamento do debate internacional?

## Referências Bibliográficas

### Ruy Coelho

- ANDRADE COELHO, Ruy Galvão. *Los Negros Caribes de Honduras*. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, [1981] 2002.
- COELHO, Ruy. *Proust*. São Paulo, Editorial Flama Ltda: junho de 1945.
- \_\_\_\_\_. “The significance of the Couvade among the Black Caribs”. In: *Man*. Vol. 49 (may, 1949), pp. 51-53.
- \_\_\_\_\_. “Le concept de l’âme chez les Caraïbes Noirs”. In: *Journal de la Société des Américanistes*, tomo 41, núm. 1, 1952, pp. 21-30, 1952a.
- \_\_\_\_\_. “As festas dos Caraíbas Negros”. In: *Anhembi*, São Paulo, Ano III, núm. 25, Vol. IX, dezembro de 1952, pp. 54-72, 1952b.
- \_\_\_\_\_. “Personalidade e papéis sociais do Xamã entre os Caraíbas Negros”. In: *Revista de Antropologia*, Vol. 9, núm. 1/2 (junho e dezembro), 1961, pp. 69-89.
- \_\_\_\_\_. *Memorial para o concurso de títulos da Cadeira de Sociologia II na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 3 de julho de 1964*.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura Social e Dinâmica Psicológica*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora/Editora da Universidade de São Paulo: 1969.
- \_\_\_\_\_. “Depoimento”. In: CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. *Clima: contribuição para o estudo do modernismo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Depoimento”. In: *Língua e Literatura. Número Comemorativo*. São Paulo, Ano X, 1981-1984, pp. 121-133.
- \_\_\_\_\_. *Dias em Trujillo: um antropólogo brasileiro em Honduras*. Editora Perspectiva, CESA, Sociedade Científica de Estudos da Arte: 2000.
- \_\_\_\_\_. *Tempo de Clima*. São Paulo: Editora Perspectiva, CESA, Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2002a.
- \_\_\_\_\_. “Marcel Proust e nosso tempo”. In: \_\_\_\_\_. *Tempo de Clima*. São Paulo, Editora Perspectiva, CESA, Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2002b.
- \_\_\_\_\_. *Os Caraíbas Negros de Honduras*. São Paulo, Editora Perspectiva, CESA, Sociedade Científica de Estudos da Arte: 2002c.

### Referências Gerais

- AMAYA, Jorge Alberto, “Los Negros Ingleses o Creoles de Honduras: Etnohistoria, Racismo y Discursos Nacionalistas Excluyentes en Honduras”. In: *Yaxkin*, Tegucigalpa, Instituto de Antropología e Historia, Año 32, Vol. XXIII, núm. 1, 2007, pp.13-33.
- \_\_\_\_\_. *Los árabes y palestinos en Honduras: 1900-1950*. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Las Imágenes de los Negros Garífunas en la Literatura Hondureña y Extranjera*. Tegucigalpa: Secretaría de Cultura, Artes y Deportes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Los judíos en Honduras*. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2000.
- ANDERSON, Mark. *Black and indigenous: Garífuna activism and consumer culture in Honduras*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. “The complicated career of Hugh Smythe... Anthropologist and Ambassador: the early years, 1940-50”. In: *Transforming Anthropology*, Vol. 16, núm. 2, 2008, pp. 128-146.

- BASTIDE, Roger y FERNANDES, Florestan. *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*. São Paulo, UNESCO/Anhembi: 1955.
- BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.
- CANDIDO, Antonio. “A Revolução de 1930 e a cultura”. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. São Paulo, Editora Ática: 1993.
- CARDOSO, Irene. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Cortez Editora, 1982.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio e o mundo dos brancos: a situação Tikuna do Alto Solimões*, São Paulo, Difusão Europeia do Livro: 1964.
- CAVALHEIRO, Edgar. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1944.
- CENTENO GARCÍA, Santos. *Historia del Pueblo Negro Caribe y su Llegada a Honduras el 12 de Abril de 1797*. Tegucigalpa: Editorial Universitaria, 1996.
- CONZEMIUS, Edouard. “Ethnographical notes on the Black Carib (Garif)”. In: *American Anthropologist*, 30(2), 1928, pp. 183-205.
- \_\_\_\_\_. “Sur les Garif ou Caraïbes noirs de l’Amérique Centrale». In: *Anthropos*, Vol. XXV, 1930, pp. 859-877.
- \_\_\_\_\_. “Material sobre el Idioma Garif (Honduras)”. In: *Yaxkin*, Tegucigalpa, Instituto Hondureño de Antropología e Historia, Vol. XVIII, 1999, pp. 80-116.
- CORRÊA, Mariza. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas, SP, Editora da Unicamp: 2013.
- CRUZ SANDOVAL, Fernando. “A 200 años de historia Garífuna en Honduras: bases para una periodización”. In: *Yaxkin*, Tegucigalpa, Instituto Hondureño de Antropología e Historia, Vol. XXI, 2002, pp. 89-111.
- DAVIDSON, William V. *Etnología y etnohistoria de Honduras – Ensayos*. Honduras, Tegucigalpa: Instituto Hondureño de Antropología y Historia, 2009.
- EURAQUE, Darío A.. *Estado, Poder, Nacionalidad y Raza en la Historia de Honduras: Ensayos*. Tegucigalpa: Ediciones Subirana, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Negritud Garífuna y Coyunturas Políticas en la Costa Norte Hondureña, 1940-1970”. In: \_\_\_\_\_. *Conversaciones Históricas con el Mestizaje y su Identidad Nacional en Honduras*, San Pedro Sula, Centro Editorial, 2004a.
- \_\_\_\_\_. “Antropólogos, Arqueólogos, Imperialismo y la Mayanización de Honduras: 1890-1940”. In: \_\_\_\_\_. *Conversaciones Históricas con el Mestizaje y su Identidad Nacional en Honduras*. San Pedro Sula: Centro Editorial, 2004b.
- \_\_\_\_\_. “La creación de la moneda nacional en la Costa Caribeña de Honduras. En busca de una identidad etno-racial”. In: *Conversaciones Históricas con el Mestizaje y su Identidad Nacional en Honduras*, San Pedro Sula, Centro Editorial, 2004c.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*, Portugal, Vega: 2000.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. “Novos caminhos de Proust”. In: *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!*, São Paulo, 7 de julho de 2002, p. 8.
- HALLOWELL, A. Irving. *Culture & Experience*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press: 1974.
- GONZÁLEZ, Nancie L. *Los peregrinos del Caribe*, etnogénesis y etnohistoria de los Garífunas. Honduras, Tegucigalpa: 2008.
- HERRANZ, Atanasio. *Estado, sociedad y lenguaje*. La política lingüística de Honduras. Honduras, Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2001.
- \_\_\_\_\_. “The Roschach Technique in the Study of Personality and Culture”. In: *American Anthropologist*, New Series, Vol. 47, núm. 2 (Abril - Junho, 1945), pp. 195-210.
- HERSKOVITS, Melville J., “O Negro no Novo Mundo”. In: *A vida intelectual nos Estados Unidos*, São Paulo: Editora Universitária, 1942, pp. 205-226.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisas etnológicas na Bahia*. Salvador, Secretaria de Educação e Saúde: 1943.
- \_\_\_\_\_. *The myth of the negro past*. Boston: Beacon Press, [1941] 1958.
- \_\_\_\_\_. *The New World Negro*. Selected papers in Afroamerican Studies. Indiana: Minerva Press, 1969.

- JACKSON, Walter. "Melville Herskovits and the search for afro-american Culture" In: STOCKING, Jr., George W. *Malinowski, Rivers, Benedict and others. Essays on Culture and Personality*. History of Anthropology, Vol. 4. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1986, pp. 95-126.
- KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A. y SIMÕES, Júlio Assis. *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953): depoimentos*. São Paulo, Escuta: 2001.
- MAIO, Marcos Chor. "O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 14, núm. 41, 1999, pp. 141-158.
- \_\_\_\_\_. "Abrindo a 'caixa-preta': o Projeto Unesco de Relações Raciais". In: PEIXOTO, Fernanda; PONTES, Heloisa e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, pp. 143-168.
- MAUSS, Marcel. "Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia". In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- MELO E SOUZA, José Inacio. *A carga da brigada ligeira: intelectuais e crítica cinematográfica, 1941-1945*. Mnemocine Produções Editoriais Ltda ME; Edição: 1 (4 de setembro de 2017). E-book.
- MELLO E SOUZA, Gilda. "Prefácio". In: COELHO, Ruy. *Tempo de Clima*. São Paulo: Editora Perspectiva, CESA- Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2002.
- MICELI, Sergio (comp.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. v. 1. São Paulo, Editora Sumaré/ FAPESP: 2001.
- NEME, Mário. *Plataforma da Nova Geração*. Porto Alegre, Edição da Livraria Globo: 1945.
- "NEWS AND NOTES". In: *Science, New Series*, Vol. 104, núm. 2705 (1 de novembro 1946), pp. 416-422.
- AYNE IGLESIAS, Elizet. "Inmigración y capital: familias y empresas en el Puerto de Trujillo, Honduras (1890-1930)". In: Elías Caro, Jorge Enrique y Vidal Ortega, Antonino (eds.). *Ciudades Portuarias en la Gran Cuenca del Caribe: visión histórica*. Barranquilla, Colombia: Ediciones Uninorte, 2010.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. "Brazilianismos, "Brazilianists" e discursos Brasileiros". In: *Revistas Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, Vol. 3, núm. 5, 1990, pp. 29-44.
- \_\_\_\_\_. "Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo". In: *Mana*. Rio de Janeiro, 4 (1), 1998, pp.79-107.
- \_\_\_\_\_. "Franceses e Norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileira (1930-1960)". In: MICELI, Sergio (comp.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. v. 1. São Paulo, Editora Sumaré/ FAPESP: 2001, pp. 477-531.
- PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia: estudo de contato racial*. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- PONTES, Heloisa. "Brasil com z". In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 3, núm. 5, 1990, pp. 45-65.
- \_\_\_\_\_. *Destinos Mistos. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. "Tão longe, tão perto". In: *Caderno Mais! Folha de S. Paulo*. 2 de julho de 2001, p. 12.
- STRICKON, Arnold. "Anthropology in Latin America". In: Wagley, Charles (Ed.). *Social Science Research on Latin America*, New York and London: Columbia University Press, 1964, pp. 125-167.
- RAMASSOTE, Rodrigo. "Cartas de trabalho: a correspondência de Octávio Costa Eduardo a Melville J. Herskovits". In: *Revista Pós-Ciências Sociais*, Vol. 14, núm. 27, São Luís, EDUFMA, 2017, pp. 231-248.
- \_\_\_\_\_. "Cartografia do conhecimento antropológico". In: *Revista de Antropologia*, Vol. 60, núm. 1, 2017, pp. 309-316.
- \_\_\_\_\_. "Ruy Coelho: un antropólogo en movimiento" In: RAMASSOTE, Rodrigo (compilación y estudio introductorio). *Creencias, rituales y fiestas garífunas: cuatro artículos de Ruy Coelho*. Editorial Guaymurás: Tegucigalpa, Honduras, 2018.



- RAMOS, Arthur. *As culturas negras no Novo Mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- REDFIELD, Robert; LYNTON, Ralph and HERSKOVITS, Melville J.. “Memorandum for the Study of Acculturation”. In: *American Anthropologist*, New Series, Vol. 38, núm. 1 (january-march 1936), pp. 149-152.
- RIVAS, Ramón D. *Pueblos Indígenas y Garífunas de Honduras (Una caracterización)*. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. “Sobre plataformas e testamentos”. In: ANDRADE, Oswald. *Ponta de Lança*. São Paulo: Globo, 2004.
- SCHADEN, Egon. *Aculturação indígena. Ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*, São Paulo: Livraria Pioneira/Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- STOCKING JR., George W., “Ideas and institutions in American Anthropology: toward a history of the interwar period”. In: \_\_\_\_\_. *The ethnographer’s magic and other essays in the history of anthropology*, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1992, pp. 114-177.
- SUAZO, Salvador. *Los Deportados de San Vicente*. Honduras, Tegucigalpa, Editorial Guaymuras: 1997.
- YELVINGTON, Kevin A. “The invention of Africa in Latin America and the Caribbean: Political Discourse and Anthropological Praxis, 1920-1940”. In: Yelvington, Kevin A. [Ed.]. *Afro-Atlantic Dialogues*. Santa Fe: School of American Research Press, 2006. pp. 35-82.
- \_\_\_\_\_. “Melville J. Herskovits e a institucionalização dos Estudos Afro-Americanos”. In: PEREIRA, Cláudio Luiz; SANSONE, Livio (orgs.), *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 149-172.